

## PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELO (1866-1934) E O “NATURALISMO RETARDATÁRIO”

DOI: 10.47677/gluks.v24i3.487

Recebido: 27/08/2024

Aprovado: 18/11/2024

MENDES, Leonardo<sup>1</sup>  
CORRÊA, Joanna Silveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esse trabalho objetiva redescobrir o escritor brasileiro esquecido Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934) e estudar sua obra naturalista. Partimos do lugar reservado ao autor na historiografia literária como um “naturalista retardatário” que foi esquecido porque chegou tarde à cena literária. No intuito de desafiar essa explicação e compreender a produção do autor no contexto da cena literária paulistana entre 1890 e 1920, propomos uma descrição de sua trajetória biográfico-literária. Em seguida, examinamos seus dois romances, *Alma em delírio* (1912) e *Mana Silvéria* (1913), atentando para a recepção dos livros e sua repercussão na imprensa, incluindo uma terceira edição do segundo romance, em 1961. Estudaremos as obras na comparação com outros romances naturalistas, de modo a discernir sua contribuição a temas e procedimentos da estética, tais como a hereditariedade, o anticlericalismo, a crítica ao escravismo, os personagens do imigrante português e da mulher dona de suas ideias, o olhar científico e o desfecho trágico. Também atentamos para marcas góticas e folhetinescas discerníveis nos romances. Ao final, sugerimos que o esquecimento de Canto e Melo é mais bem compreendido como resultado do viés antinaturalista da historiografia e como uma consequência das batalhas modernistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedro de Castro do Canto e Melo, Naturalismo, Romance brasileiro.

### Naturalismo retardatário

Salvo engano, a hipótese do naturalismo “tardio” ou “retardatário” foi formulada pela primeira vez em 1913 pelo afamado crítico José Verissimo, de grande importância na historiografia literária coetânea e posterior. Naquele ano, o jornal carioca *A Imprensa* o convidou a avaliar o estado da arte literária no país, ajuizando os romances mais destacados do momento. Na resposta, Verissimo ressalta alguns autores promissores, mas lamenta a permanência do naturalismo na prosa ficcional do começo do século XX. “No romance brasileiro atual”, escreve, “procrastina-se o feitio naturalista, cacoetes e tiques da maneira zolista ou de Eça de Queirós” (Verissimo, 1913, p. 2). É notável no comentário a opinião

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria Literária pela Universidade do Texas (EUA) e Professor Associado do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Graduada em Letras (port/ing) e Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

restritiva das técnicas naturalistas, chamadas de “cacoetes e tiques”, sugerindo fórmulas prontas e engessadas, sem verdade e espontaneidade. Para Verissimo, a poética naturalista pertencia ao passado. Pela década de 1910, ela “procrastinava”, isto é, delongava ou demorava além de seu tempo, sugerindo a sobrevivência de um estilo que já estava (ou devia estar) morto em 1913. Por esse raciocínio, próprio do imaginário romântico (que toma a originalidade e a novidade como critérios de valor superior), os “retardatários” e suas obras não tinham o mesmo merecimento dos pioneiros da prosa naturalista na Europa e no Brasil, nas décadas de 1870 e 1880, como Émile Zola, Eça de Queirós e Aluísio Azevedo.

A proposta de um grupo de escritores “naturalistas retardatários” no Brasil, menos criativos e importantes do que aqueles da primeira geração, foi posteriormente desenvolvida por Lucia Miguel Pereira (1973) e Nelson Werneck Sodré (1965). Ambos seguem o raciocínio de Verissimo e julgam os autores do começo do século XX como artistas fracassados ou “falsos naturalistas” (Sodré, 1965, p. 197), ainda que haja obras de valor e romancistas de reconhecimento no grupo. Dentre eles, destacam-se Carmem Dolores (pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo), autora do romance *A luta* (1911); Manuel Batista Cepelos, autor do romance *O vil metal* (1911); e o escritor Pedro de Castro do Canto e Melo, objeto de interesse deste artigo, autor dos romances *Alma em delírio* (1912) e *Mana Silvéria* (1913). Para Lucia Miguel Pereira, Canto e Melo era quem melhor ilustrava a “infelicidade” (isto é, o fracasso) “dos romancistas que tentaram seguir a corrente naturalista quando já se esgotara a sedução da novidade” (1973, p. 139). Por mais que exibissem “as melhores características de Zola”, os romances do escritor fracassaram porque seguiam “uma moda caduca” (1973, p. 140). Para ela, *Mana Silvéria* era um bom exemplo de livro naturalista bem-feito, “merecedor de melhor êxito” (1973, p. 140), mas que foi recebido com desinteresse pelo público e esquecido pela posteridade porque chegou atrasado à cena literária.

Neste artigo, propomos defender a contribuição de Canto e Melo ao naturalismo e colocar sob suspeição a hipótese da posição “retardatária” como explicação para seu esquecimento. Sabemos que tanto *Alma em delírio* quanto *Mana Silvéria* alcançaram segundas edições em 1914 (Corrêa, 2024). O aparecimento de segundas edições num curto intervalo de tempo significava o êxito das primeiras e demanda por novos livros. Isso é bem diferente do quadro de uma literatura “caduca” e sem público. Para compreender a literatura

de Canto e Melo e entender seu lugar na cena literária paulista no fim do século XIX e início do XX, começamos com uma descrição de sua trajetória. Em seguida, examinamos seus dois romances, atentando para a recepção dos livros e sua repercussão na imprensa, incluindo uma terceira edição de *Mana Silvéria*, em 1961. As obras são estudadas na comparação com outros romances naturalistas paradigmáticos, de modo a discernir sua contribuição a temas e procedimentos típicos, como a hereditariedade, o anticlericalismo, a crítica ao escravismo, os personagens do imigrante português e da mulher dona de suas ideias, o olhar médico e científico, e o final trágico. Também atentamos para marcas góticas e folhetinescas discerníveis nos romances. Nas considerações finais, avaliamos a posição de Canto e Mello na história do naturalismo no Brasil e propomos novas explicações para seu esquecimento.

### **Trajectoria biográfico-literária**

Pedro de Castro do Canto e Melo nasceu em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, no dia 1º de janeiro de 1866. Filho do tenente-coronel Francisco de Castro do Canto e Melo, sua primeira opção foi seguir a tradição familiar e ingressar na Escola Militar, em 1881, no Rio de Janeiro. Quando o pai foi transferido para São Paulo, o filho o seguiu e lá se estabeleceu. Em meados da década de 1880, optou por abandonar a carreira militar. Preparou-se para o ingresso na Faculdade de Direito de São Paulo, que alcançou em 1888, obtendo o grau de Bacharel em 1891. Naquele ano se casou com Anésia Giraudon, com quem teve uma filha, a professora Branca de Castro do Canto e Melo. Nos anos seguintes, conciliou a atividade de escritor com a prática advocatícia em São Paulo. Atuou como redator do *Diário Popular* e do *Diário Oficial*. Até 1900, Canto e Melo escreveu poesia de inspiração romântica, além dos gêneros jornalísticos, como a crônica e a reportagem. Em 1912, publicou seu primeiro livro naturalista, *Alma em delírio*, seguido no ano seguinte por *Mana Silvéria*. Antes de morrer, a 31 de outubro de 1934, em São Paulo, publicou mais dois romances, *Relíquias da memória* (1920) e *Recordações* (1923), nos quais opta pela ficcionalização de reminiscências e se afasta do naturalismo, ainda que mantenha a mesma prosa realista, econômica e objetiva dos primeiros livros. Toda a obra de Canto e Melo foi publicada pela editora paulista O Pensamento.

A entrada tardia no romance e o abandono da poesia pode ter sido uma decisão pragmática por gêneros mais rentáveis e comerciais, como a ficção naturalista, confirmada pela boa aceitação de *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*. Entretanto, como outros escritores do século XIX, Canto e Melo via a poesia como sua primeira vocação e nunca abandonou essa identidade. Com a ajuda do pai, aos 15 anos, publicou no jornal *Tribuna Militar* seu primeiro poema sobre o tema romântico do amor não correspondido. Suas formas poéticas prediletas eram o soneto petrarquiano e a quadra romântica. Os sonetos podiam servir ao tema eterno do amor, na série “Quatro sonetos” (1889); à descrição de paisagens e atmosferas, em “Manhã” (1908); à homenagem aos pares, em “Na vida” (1888), dedicado ao escritor Horácio de Carvalho, seu padrinho de casamento; e à paródia, em “Cismas” (1883), uma releitura do célebre soneto de Camões “Amor é um fogo que arde sem se ver”. Nas quadras de “Cantinelas” (1898), são notáveis os ecos de Tomás Antônio Gonzaga e o *Marília do Dirceu* (1792). Na década de 1890, Canto e Melo nutriu a ambição de reunir num volume sua produção poética publicada nos jornais, mostrando que seu plano de primeira obra era um livro de poesia. Com o título provisório de *Tardes de março*, o volume nunca foi publicado (Corrêa, 2024). Só em 1914 publicaria o poemeto *Bucólica*.

Canto e Melo desenvolveu relações amistosas com letrados de seu tempo a ponto de ter uma posição de prestígio considerável (primeiro como poeta e jornalista, depois como romancista) num círculo de escritores e alguns periódicos importantes de São Paulo na virada do século XIX para o XX. Horácio de Carvalho, Silvio de Almeida, Cândido de Carvalho, Vicente de Carvalho e Amadeu Amaral compunham o círculo de escritores próximos a Canto e Melo, em São Paulo. Esses letrados escreviam nos jornais, compartilhavam espaços de sociabilidade e cultivavam boas relações com escritores dominantes do Rio de Janeiro, como Olavo Bilac e Coelho Neto. Amadeu Amaral, por exemplo, sucedeu a Bilac na Academia Brasileira de Letras, em 1919. Os escritores apoiavam uns aos outros com elogios mútuos na imprensa, em homenagens, reuniões e festas. O *Correio Paulistano* e *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte* eram os periódicos em que Canto e Melo encontrava mais apoio e espaço em São Paulo (Corrêa, 2024). Nessas publicações, o escritor aparece como protagonista do desenvolvimento literário da cidade. Ao lado das obras de Claudio de Souza e Veiga Miranda, seus romances eram considerados provas da maturidade intelectual da capital

Paulista, que nessa época nutria ambições de deixar de ser uma cidade caipira e se equiparar ao Rio de Janeiro como polo literário e cultural (Janovitch, 2006).

Nesse espírito civilizatório, em dezembro de 1911, unidos a Vicente de Carvalho, Gelásio Pimenta e Silvio de Almeida, Canto e Melo e outros letrados fundaram em São Paulo a Sociedade de Letras e Artes, no intuito de divulgar obras literárias e artísticas de autores paulistas e brasileiros menos conhecidos. Também conhecida como Sociedade de Cultura Artística, a agremiação cobrava 3 mil-réis mensais dos sócios para financiar encontros mensais com conferências literárias, seguidas de um número musical. Era uma agremiação alternativa à Academia Paulista de Letras, fundada dois anos antes, a que Canto e Melo não pertencia. No agendamento das atividades futuras da Sociedade, o escritor foi incumbido de proferir uma palestra sobre Tomás Antônio Gonzaga, confirmando a importância do poeta árcade na sua trajetória. A criação da agremiação deu origem a um raro registro fotográfico de Canto e Melo. Na edição de 3 de outubro de 1912, *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte* publicou uma foto do escritor na reunião de fundação da associação artística (fig. 1). O autor de *Mana Silvéria* está sentado de pernas cruzadas, ocupando uma posição de destaque na imagem. No registro aparecem alguns escritores do círculo de Canto e Melo, como Vicente de Carvalho (primeiro sentado à esquerda), Silvio de Almeida (segundo sentado à esquerda) e Cândido de Carvalho (último de pé à direita).



Fig. 1: Fundadores da Sociedade de Cultura Artística em dezembro de 1911, *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*, São Paulo, 3 out. 1912, p. 19.

Se *O Correio Paulistano* e *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte* eram os principais periódicos apoiadores de Canto e Melo, o semanário humorístico *O Pirralho* era o quartel-general de seus inimigos. Ao longo dos anos em que circulou em São Paulo, de 1911 a 1917, a revista atuou ativamente na desqualificação da imagem do escritor. Estratégias e posturas que seriam usadas nas batalhas modernistas foram ensaiadas nas páginas do periódico jocosos, que tinha Oswald de Andrade como fundador e principal incentivador. Uma “revista de transição”, *O Pirralho* tinha espaço para o academicismo, “mas já renunciava o modernismo” (Broca, 1991, p. 339). Pertencia à classe dos novos “semanários de narrativa irreverente” que experimentavam novas linguagens e ridicularizavam os valores formais da escrita (Janovitch, 2006, p. 124). Adepto da língua culta, correta e econômica, Canto e Melo recebeu ataques constantes da revista, em várias colunas e rubricas. A trajetória anterior de poeta bucólico ajudava a tornar sua figura antiquada. Como José Verissimo, os editores de *O Pirralho* consideravam o naturalismo uma forma ultrapassada de literatura. Além de publicar

colunas com duras críticas aos romances de Canto e Melo, como veremos nas próximas seções, a revista se referia às obras com títulos paródicos, como *Alma em delirium tremens*; ou desleixados, como *Maria Silvéria*, para mostrar sua desimportância.

Os ataques d’*O Pirralho* não se limitavam aos romances de Canto e Melo e ao naturalismo. Havia um empenho do periódico em prejudicar a imagem do escritor e do homem, ao apresentá-lo como um sujeito resistente a críticas, rancoroso e obsceno. Em 1913, as críticas publicadas n’*O Pirralho* contra *Mana Silvéria* coincidiram com uma “enquete literária” conduzida pelo semanário entre os letrados paulistas, nos moldes d’*O momento literário* (1908), do João do Rio. Canto e Melo foi incluído no rol dos escritores convidados a participar, mas se recusou a produzir conteúdo para um periódico que retratava sua obra como ultrapassada, desimportante e obscena. Em retaliação, *O Pirralho* publicou a enquete de Canto e Melo como uma entrevista fracassada, na qual ele é retratado como um sujeito dramático e vingativo, mas fraco e infantil, pois teria chorado ao ser confrontado com o entrevistador da revista numa livraria. Em 1915, veio o ataque mais baixo. Num canto de página, *O Pirralho* publicou uma “autobiografia” do autor: “Autobiografia: Quando vejo uma mulher bonita, canto e melo. C. e M.” (Corrêa, 2024, p. 44). A frase fazia um trocadilho com o sobrenome do escritor. Usava “canto” para descrever sua suposta atração descontrolada por mulheres formosas, e “melo” para se referir à secreção de líquido pré-ejaculatório. Era uma humilhação para o escritor veterano com 49 anos de vida e 25 de carreira.

É certo que a campanha difamatória d’*O Pirralho* colaborou para o apagamento do nome de Canto e Melo, mas a documentação também sugere que ele era pouco conhecido fora de São Paulo. Na década de 1910, quando seus livros começaram a circular em outras partes do país, quase todos despachados pelo próprio, colunistas expressaram surpresa com a descoberta de Canto e Melo e seus romances, até então desconhecidos para eles. No Rio de Janeiro, o jornal *O Paiz* acusou o recebimento de *Alma em delírio*, mas definiu Canto e Melo como “um autor pouco conhecido em nossas letras” (Livros Novos, 1912, p. 4). Em 1916, no Recife, o colunista Mário Melo ficou entusiasmado com a leitura de *Alma em delírio*, cujo autor desconhecia – “um continuador das teorias de Flaubert, Zola, Daudet, Aluísio, Júlio Ribeiro, Domingos Olímpio, Marques de Carvalho, Valentim [Magalhães] e outros da escola realista em estudos de casos patológicos” (Melo, 1916, p. 2). Até a publicação de *Relíquias da*

*Memória*, em 1920, o poeta Augusto de Lima só conhecia Canto e Melo de nome “vagamente citado nas bibliografias dos jornais” (Lima, 1920, p. 1). Como provam os ataques d’*O Pirralho*, nem em São Paulo ele era uma unanimidade. Em 1912, numa crônica dedicada ao escritor, a colunista Maria da Luz, da *Ilustração Paulista*, descreve a recepção de *Alma em delírio* nos circuitos letrados como morna, a despeito das boas vendas de livraria.

### ***Alma em delírio***

*Alma em delírio* foi mais bem aceito pelos letrados contemporâneos do que *Mana Silvéria*. É um romance mais curto e menos ambicioso do que o segundo, com poucos personagens e menos variáveis para administrar, dotado de clara mensagem de condenação do alcoolismo. A dedicatória traz a data de abril de 1909, mas o romance só chegou às livrarias em junho de 1912. O livro é dedicado ao psiquiatra Francisco Franco da Rocha, diretor do Hospício de Alienados de Juqueri (SP) e introdutor no Brasil de técnicas modernas de tratamento de doenças mentais, como o cuidado do paciente em liberdade e a teoria freudiana. O médico fazia parte do círculo de intelectuais próximos a Canto e Melo e frequentava encontros e festas de aniversário do grupo (Corrêa, 2024). A dedicatória qualificava o autor e a obra, mostrando que Canto e Melo tinha renomados cientistas em seu círculo de relações e o romance se apoiava na ciência mais avançada da época, como ambicionava a ficção naturalista. O psiquiatra homenageado também sinaliza que *Alma em delírio* é um romance sobre a loucura e que esse é o significado de “delírio” no título (Mingotti, 2021, p. 92). Firmado o pacto naturalista, o leitor encontra um relato pessoal, detalhado e objetivo da progressão da insanidade mental causada pelo alcoolismo, que satisfaria ao dr. Franco da Rocha ou poderia ser usado por ele como amostras de um caso clínico verídico.

O romance se apresenta na forma de “diário íntimo” do engenheiro Rogério Duarte, capitão de cavalaria do Exército brasileiro. São reminiscências de sua vida nas décadas de 1870 e 1880, nos últimos anos do Brasil imperial. Não há divisão entre os 58 capítulos curtos do romance, mas é possível discernir duas partes. A primeira se passa no Rio Grande do Sul e começa com o relato das operações militares (nas quais Rogério Duarte é um dos comandantes) para sufocar a Revolta dos Muckers (1873-1874). Nas festas pela vitória, ele conhece Carolina. Apaixona-se pela moça, se casam e vão morar no Rio de Janeiro. Inicia a

segunda parte do romance, que contém o “estudo psicológico”, valorizado pelo naturalismo. Passam-se meses e começam os desentendimentos do casal. Bonita e atraente, Carolina queria frequentar os circuitos da moda na capital, enquanto Rogério tinha planos de uma vida pacata e familiar. As brigas constantes e o atrevimento da esposa levam o militar ao alcoolismo e ao enlouquecimento gradual. Carolina também adoece. Em delírio, Rogério imagina que ela o enganava com o médico. Um dia os surpreende com um revólver, faz um disparo, mas erra o alvo. É internado à força num hospício. Ali se cura dos delírios, mas não da tuberculose, que o alcoolismo ajudara a contrair. Nesse interim, Carolina morre. Na busca por uma segunda cura, Rogério vai para Campos de Jordão e o relato termina.

Para explicar a origem do diário, Canto e Melo usa a estratégia do “manuscrito encontrado” por acaso (ou remitido ao escritor com a missão de que o torne público), que vinha do imaginário gótico-romântico. O truque servia para acentuar o mistério dos livros e a dificuldade de se aferir a veracidade dos fatos e dos relatos (Grace, 2013). Era verdadeira ou falsa a história? Quem era o real autor? Quem era o fiador da autoria e da autenticidade dos fatos narrados? No prefácio, Canto e Melo alega que o romance era a história verídica de um amigo da juventude militar, redigida pelo próprio. Rogério Duarte era um nome inventado para proteger a identidade do autor verdadeiro. Antes de ir se tratar em Campos de Jordão, passou por São Paulo e entregou o diário ao escritor, com o pedido de que ele, sendo um literato, tornasse o manuscrito publicável após sua morte, para servir “de lição e de exemplo” (Canto e Melo, s.d., p. 15). É o que o faz anos depois, após tomar conhecimento da morte do amigo pelos jornais. Canto e Melo lê e relê o manuscrito, faz cortes e emendas, completa “vários trechos” que encontrou inconclusos, deixando claro que seu trabalho o autorizava a reivindicar a autoria do livro. A camada de mistério relacionado às origens da história não anula a ciência do “estudo de caso” contido no diário, mostrando que o naturalismo podia incorporar técnicas e efeitos do gótico e outras tradições.

A atmosfera de mistério derivada do truque do “manuscrito encontrado” inclui as alucinações de Rogério Duarte. Elas se situam na fronteira entre a realidade e o sonho, a verdade e a ilusão, na zona da incerteza em que floresce o fantástico (Todorov, 1992). Nas noites de insônia, entre enjoos e vômitos, o protagonista encontra situações e seres estranhos ao mundo empírico, mas não sobrenaturais (Furtado, 1980), garantindo a fundação naturalista

e científica do romance. Dentro de si, o protagonista descobre um outro Rogério, estranho e ameaçador, e muitos outros *eus* que desconhecia até então e não podia controlar, como o que disparou contra o médico ou o que maltratava a esposa por ciúme infundado. Em 1912, o articulista d'*O Paiz* destacou tal característica do romance como uma qualidade que talvez explique seu sucesso de público e a segunda edição em 1914: “Há toda a gama de uma alma em delírio, fantasticamente e fantasiosamente descrita à maneira de Edgar Allan Poe e Guy de Maupassant” (Livros Novos, 1912, p. 4). Tanto o romance de Canto e Melo, quanto os contos “William Wilson” (1839), de Poe, e “O Horla” (1887), de Maupassant, exploram o tema do duplo: um segundo *eu* que assombra o protagonista e o enlouquece, representando também sua própria loucura. Seguindo a mesma leitura, João Pinto da Silva vê em Rogério Duarte um herdeiro dos “heróis fantásticos de Poe” (2013, p. 175).

Na sua fantasmagoria, *Alma em delírio* pode ser lido como um relato anti-heroico dos traumas e ruínas da guerra e da vida militar, um gênero de escrita que se tornaria comum após a Primeira Guerra Mundial (Freedman, 2003). No prefácio, Canto e Melo equipara o militarismo ao cárcere, enquanto, no diário, Rogério Duarte rememora momentos traumáticos das guerras de que participou. Em seus delírios, escuta toques de clarins e cornetas de batalhas, que confunde com os sinos de igrejas próximas. Trazia uma “sensação de vazio” que esperava preencher com o casamento, mostrando que o alcoolismo era um sintoma, e não o problema do capitão. Quando o Exército o aposenta por invalidez, dispõe sua farda ornada de medalhas sobre as costas de uma cadeira e a ela se dirige “como quem fala a um indivíduo culpado de um delito” (p. 171). Acusa o Exército de tê-lo impedido de estar ao lado da mãe na hora de sua morte e de andar “penando pelo mundo, sem conforto, sem lar e sem teto” (p. 171). Por duas vezes nota “as mangas caídas, como dois braços mortos”, sugerindo que não apenas ele estava morto e acabado como homem e militar, mas as próprias Forças Armadas e seus ideais de bravura e patriotismo estavam mortos. Rodrigo Mingotti (2021) propõe que tal visão antimilitarista de *Alma em delírio*, numa época de fervor bélico e patriótico, pode ser uma das explicações para o esquecimento de Canto e Melo.

As alucinações do capitão Rogério Duarte não turvam o estilo simples, despretensioso e direto do diário. A prosa objetiva e econômica do romance foi notada e elogiada pelos contemporâneos. Para o articulista Yorick (1912, p. 10), da *Gazeta Artística*, de São Paulo,

*Alma em delírio* tinha belas páginas escritas em “estilo simples, incisivo, despido de adornos e distensões inúteis”. No *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro, o colunista literário J. L. (1912, p. 3) elogiou o “estilo desataviado, despreocupado, quase noticioso” do romance, com “linguagem corrente e chã de relatório”. Em 1914, quando saiu a segunda edição, a revista *Careta* expressou a mesma opinião e igualou o estilo de *Alma em delírio* ao dos “relatórios militares”, isto é, seco e sumário (Artes e Letras, 1914, p. 10). Essas observações apontam para um predicado pouco valorizado pelos estudos do naturalismo: o caráter experimental e vanguardista da linguagem dos textos (Baguley, 1990), que se deixa contagiar por outros gêneros de escrita estranhos (quando não hostis) à literatura, entre os quais o mais conhecido foi o estilo médico e científico. Não só a forma do “relatório militar” é reconhecível em *Alma em delírio*, mas também os gêneros jornalísticos da crônica e da notícia, sabidamente inspiradores de escritores naturalistas como Pardal Mallet e Figueiredo Pimentel, que, como Canto e Melo, atuavam simultaneamente na imprensa periódica e na literatura.

Por trás dos delírios do capitão estava a “patologia” do alcoolismo e os danos que causava à saúde e à sociedade, um tema caro ao naturalismo que Zola explorou num de seus romances mais conhecidos, *L’Assommoir* (1877). Na história da lavadeira Gervaise Macquart, tanto ela quanto o marido descendem numa espiral de alcoolismo e loucura, perdem as economias e o hábito do trabalho, morrem pobres e sós. Como militar, Rogério Duarte contava com uma rede de apoio no tratamento da doença. Os médicos lhe receitam basicamente narcóticos, como cloral, morfina e ópio, sem efeito curativo. Para preencher o vazio interior, ele vaga pelas ruas do Rio de Janeiro em busca de bilhares e botequins, onde consome preferencialmente conhaque e absinto. Os passeios do personagem criam um mapa afetivo-melancólico da cidade, no qual aparecem os jardins da Quinta Imperial, o Largo da Carioca, a rua do Ouvidor, o Passeio Público, o Beco das Cancelas, a enseada de Botafogo e, avistados de longe, a Serra dos Órgãos e o Dedo de Deus. Depois de um período de abstinência em Campos de Jordão, Rogério volta ao Rio de Janeiro e lá tem “uma recaída violentíssima” (p. 21). Graças às antigas relações no Exército, é recolhido a um hospital militar, onde sucumbe à tuberculose. Como em *L’Assommoir*, em *Alma em delírio* o alcoolismo arruína os personagens, corroborando a visão trágica e pessimista do naturalismo.

### ***Mana Silvéria***

*Mana Silvéria* representava um avanço de Canto e Melo no uso de técnicas e temas naturalistas. Era um autêntico romance da estética, de maior fôlego e escala do que *Alma em delírio*, equiparável em ambição e escopo a *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e *Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, com temas, cenários e personagens típicos do naturalismo. Na ocasião de seu lançamento, em março de 1913, a revista *Careta em S. Paulo* publicou uma foto do autor (fig. 2). Enquanto seus apoiadores aplaudiram seu desenvolvimento como escritor e sua contribuição para o progresso da literatura paulista, seus críticos entenderam a opção definitiva e ampliada pelo naturalismo como um erro e um anacronismo. Para José Verissimo, o aprofundamento do naturalismo no segundo romance “desmentiu as qualidades de *Alma em delírio*” (1913, p. 2). *O Pirralho* foi além e definiu *Mana Silvéria* como o “romance que demoliu o romancista” (Os ratos, 1913, p. 14), insinuando que o livro havia sepultado a carreira de Canto e Melo. A revista dedica várias colunas para atacar o naturalismo do romance. São opiniões parecidas com as que seriam posteriormente repetidas pela história literária: o enredo da hereditariedade era mecânico e superficial; os personagens eram hipersexualizados e obscenos; a linguagem técnica e científica era inverossímil e se constituía em pesado fator antiartístico.



Fig. 2: Canto e Melo em fotografia publicada na época da publicação de *Mana Silvéria*.  
Revista *Careta em S. Paulo*, n. 250, 15 mar. 1913, p. 1.

Narrado em terceira pessoa, *Mana Silvéria* é uma “tragédia da hereditariedade” (Baguley, 1990), tal qual Zola explorou, em escala ampliada, no ciclo dos *Rougon-Macquart* (1871-1893). O romance se divide em duas partes. A primeira começa em 1835, em Portugal, quando o padre Isidoro Valongo se envolve com a prostituta Joana Fernandes. Das “núpcias sacrílegas” (p. 36) nascem os gêmeos Júlio e Belisário. A família vive numa chácara que pertence ao padre. Sob a fachada de que Joana era uma viúva que comprara a propriedade e lá criava os filhos sozinha, criam uma dinâmica familiar que dura anos, com visitas regulares de Isidoro. Apoiados pelos pais, em 1850 os gêmeos migram para o Brasil, tanto para fazer fortuna quanto para deixar no passado a mácula da origem ilegítima da família. A segunda parte se passa no Rio de Janeiro, onde os irmãos se estabelecem rapidamente, galgando posições e fazendo casamentos que lhes permitem enriquecer. Pela década de 1870, Belisário é um grande comerciante na capital e Júlio o proprietário de uma fazenda escravista de café no Vale do Paraíba. Entra em cena a terceira geração, que herda o “sangue ruim” dos avós: Isidorinho, filho de Belisário; Silvéria e Joana, filhas de Júlio. O rapaz se casa com Joana, mas ama Silvéria. Quando se vê grávida do primo, Silvéria opta pela morte. Empurra o rapaz num penhasco e se joga em seguida. O final trágico aniquila a descendência do padre com a prostituta.

A primeira característica a destacar é o anticlericalismo. Isidoro Valongo se insere na tradição do “padre sem fé” do naturalismo, como vemos n’*O crime do padre Mouret* (1875), de Zola; n’*O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós; e n’*O missionário* (1890), de Inglês de Souza. O “padre licenciado” é um dos principais personagens a transmitir a visão materialista e irreligiosa de mundo do romance naturalista. Ele serve para evidenciar e criticar o abuso de poder, a corrupção e a hipocrisia da Igreja Católica. No romance de Eça de Queirós, depois de engravidar Amélia e abandoná-la para morrer, Amaro entrega o filho a uma abortadeira para se livrar dele. Canto e Melo era devoto da fé católica e isso talvez explique o personagem do padre não-celibatário que era bom sacerdote e pai presente, companheiro fiel da mãe de seus filhos. O narrador procura justificar a fraqueza de Isidoro e chega a condenar o celibato obrigatório dos clérigos. Como notou o colunista Arnaud Pierre, o retrato simpático do padre em *Mana Silvéria*, sem “a irresponsabilidade poética do padre

Mouret, ou o caráter turvo do padre Amaro” (1961, p. 9), dificulta a crença do leitor de que as “núpcias sacrílegas” de Isidoro Valongo fossem tão pecaminosas a ponto de ter efeito catastrófico nos seus netos, quarentas anos depois. Mas no naturalismo, o “vício” corre fatalmente nas veias dos personagens, independente do bom coração.

Um dos personagens mais bem realizados do romance é o gêmeo Belisário, que enriquece no comércio de ferragens no Rio de Janeiro. Ele domina a segunda parte do livro e pertence a outra linhagem conhecida da ficção naturalista luso-brasileira: o imigrante português, ambicioso, avaro e inescrupuloso, que enriquece no Brasil à custa do roubo e da exploração do trabalho alheio, cujo exemplo mais conhecido é João Romão, n’*O cortiço*. No naturalismo brasileiro, esse personagem costuma ser o vilão da história. O leitor acompanha a “cobiça e o servilismo” de Belisário, desde que entra como empregado de balcão até se tornar patrão arrogante e usurário (Pierre, 1961, p. 9). No Brasil, ele se transforma. Acumula bens e capital, faz um casamento vantajoso, vira Comendador, sonha em ser Barão, torna-se orgulhoso, autocentrado, autoritário e inclinado a resolver os problemas pela força: “Era temido, mas não estimado. Demais, alto, forte e insolente, era o tipo perfeito do seu pai, o padre Valongo. As questões mais delicadas e sutis ele procurava resolvê-las a murro” (p. 87). No romance, Belisário é o principal antagonista de Silvéria. Quando Júlio morre, ele assume os bens do irmão e trata de deserdar a sobrinha. O personagem atua sobre os demais e encaminha o desfecho da história, incluindo as mortes violentas de Silvéria e Isidorinho, levadas a cabo por ela como forma de vingança contra o tio, que impedira o romance.

Silvéria, a personagem-título, também pertencia a uma genealogia naturalista: a mulher com autoestima intelectual e desejo sexual, cujo exemplo mais conhecido é Lenita, no romance *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro. Na historiografia canônica, essa personagem é conhecida como “a moça histérica”. Filha mais velha de um latifundiário, Silvéria (em contraste com Joana, que herdou do pai uma doença degenerativa) gostava de estar ao livre, era extrovertida, teimosa e irresistível, superior em beleza e saúde à irmã: “As suas ideias, as suas vontades, poderiam ser contrariadas e vencidas, mas ficavam de pé, vivendo dentro dela, até o momento de reaparecerem, com o mesmo vigor e com a mesma intensidade primitiva” (p. 93). Silvéria passava horas no plantio com os escravos, que lhe tinham afeição. O título do romance é seu apelido, “Mana Silvéria”, dado pela irmã e adotado por todos, delimitando um

lugar de afeto e relevo na vida dos personagens. Como Lenita em *A carne* e Maricota em *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel, Silvéria toma a iniciativa de fazer acontecer o primeiro ato sexual com o primo, antes do casamento com Joana: “... quero me dar a ti, quero ser tua, hei de ser tua... Deixa a tua timidez para as outras coisas” (p. 93). Em 1913, as acusações de obscenidade lançadas contra o romance pela revista *O Pirralho* se concentravam na crítica ao comportamento sexual desregrado de Silvéria, herdado dos avós.

Outra característica de *Mana Silvéria* que o coloca na tradição do naturalismo no Brasil é o *locus* da fazenda escravista como cenário de horrores e iniquidades. Os escritores naturalistas participaram das batalhas abolicionistas e incorporaram duras críticas ao escravismo em obras como *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, *Bom-Crioulo* e *Suicida!* (1895), de Figueiredo Pimentel. Tanto *A carne* quanto *Mana Silvéria* oferecem descrições impressionantes e perturbadoras de tortura e assassinato de sujeitos escravizados nas fazendas brasileiras no período pré-abolição. No romance de Canto e Melo, num passeio matinal, os primos encontram uma escrava da fazenda vizinha amarrada em cima de um formigueiro, à beira da morte, com um olho vazado pelas mãos de sua senhora. A maneira de lidar com o crime vai colocar Silvéria em confronto com o tio. Ela queria denunciar a fazendeira na delegacia (o que acaba fazendo), enquanto ele preferia ignorar o assunto por não lhe interessar o modo como os vizinhos tratavam seus escravos. Sendo a tirania de Belisário um dos motivos para o desenlace infeliz do romance, as mortes macabras de Silvéria e Isidorinho também eram a “tragédia do latifúndio escravocrata”, significando o colapso de todo o sistema. Ao final, o narrador encontra consolo na ideia de que a “sensualidade do padre e da rameira” (p. 175), arrastando os netos do amor à morte, ajudava a sepultar a escravidão.

Além das marcas naturalistas apontadas, *Mana Silvéria* se apoiava em estratégias conhecidas da literatura popular e folhetinesca dos Oitocentos, o que talvez ajude a explicar a boa acolhida de público na década de 1910. A tragédia naturalista da herança sanguínea era uma releitura moderna da antiga ideia de que pagamos pelas transgressões dos nossos antepassados, que está no mito do pecado original e aparece no romance gótico. Como fantasmas do passado, o padre libertino e a “rameira” espreitam nas veias de Silvéria e Isidorinho. O trajeto dessa “herança maldita” por três gerações, em dois continentes, aproximava *Mana Silvéria* das apreciadas “sagas familiares”, como o ciclo de romances de

Zola; *Os Maias* (1888), de Eça de Queirós; e *Os Buddenbrooks* (1901), de Thomas Mann. O desfecho, apesar de trágico, era melodramático e sensacionalista, ao gosto dos leitores de folhetins nos jornais e de “romances de sensação” (El Far, 2004). A história não termina com a queda mortal de Isidorinho e Silvéria do penhasco. Prossegue para descrever realisticamente o estado dos corpos como foram encontrados 36 horas depois, sob uma “nuvem de corvos” (p. 170). Em seguida, tio Belisário é assassinado por um escravo com uma navalhada no pescoço. O “tom melodramático fabuloso” (Livros da Semana, 1961, p. 8) de *Mana Silvéria* era atraente para o leitor de 1910, tanto quanto a carnalidade da “narrativa científica” do naturalismo.

Depois da boa circulação em 1913 e 1914, *Mana Silvéria* caiu no esquecimento. Na memória dos homens de letras ficou a lembrança de um romance naturalista bem-feito, mas, em última análise, fracassado em virtude das carências do próprio naturalismo e da publicação tardia. Somente em 1961, 47 anos depois da segunda edição, *Mana Silvéria* ganharia a terceira e última edição, pelo editor Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro (Corrêa, 2022). Na preparação para o lançamento, prometia que o romance “não fica[va] a dever ao melhor Aluísio Azevedo” (Meira, 1961, p. 12). Na contracapa, reconhecia que Canto e Melo merecia leitura: “Um romance de grande força e intensidade devolve ao público brasileiro um autor injustamente esquecido”. Criada pelo artista plástico Eugênio Hirsch, a capa retrata Silvéria como uma mulher livre e desimpedida, com o rosto voltado para o alto, cabelos negros soltos ao vento (fig. 3). O projeto era bem-intencionado, mas pagava tributo à visão rebaixada de naturalismo, que vinha de José Verissimo. Na orelha, o editor repetia o juízo dominante, que era um desconvite à leitura: “*Mana Silvéria* era um romance de primeira qualidade, apesar de possuir os vícios estilísticos da época em que foi escrito e também as influências de Zola e Eça de Queirós”. Isto é, o livro era bom, *apesar* do naturalismo, mostrando como era difícil romper com o consenso antinaturalista.

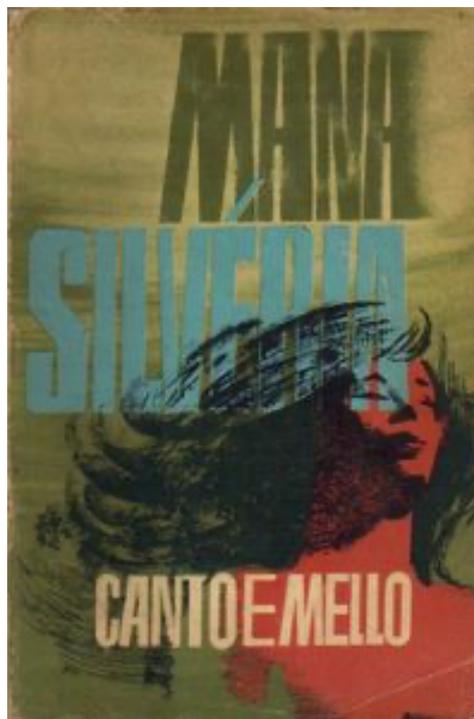


Fig. 3: Capa da 3a. edição de *Mana Silvéria*, criada pelo artista Eugênio Hirsch, em 1961. Acervo pessoal.

### Considerações finais

O processo de rebaixamento de romances e autores naturalistas começou já nas décadas de 1870 e 1880, na época do triunfo do movimento. Ao contrário da imagem de uma literatura fracassada e antiartística, como aparece na história literária, o naturalismo foi uma literatura popular, inovadora e libertária que emplacou vários *best-sellers* no Brasil, como *O homem*, *A carne*, *O aborto*, *Bom-crioulo* e *Livro de uma sogra*. Esses romances, que aparecem (quando estudados) como “falsos” e antiquados, foram “sucessos de escândalo” que abordavam temas polêmicos e testavam os limites entre o lícito e o ilícito na literatura e na sociedade. Era um ultraje a mulher com desejo sexual n’*O homem* e n’*A carne*; o marinheiro negro e gay, em *Bom-crioulo*; a moça que engravida do primo e tenta abortar, n’*O aborto*; a mulher que defende a supremacia do prazer sexual e o divórcio no *Livro de uma sogra*. Ao mesmo tempo que atraíam leitores e compradores, produziam polêmicas e levavam a segundas edições, esses livros eram recebidos friamente pelos homens de letras, quando não simplesmente

ignorados, como o foi *O aborto*. Eram livros combatidos desde o seu aparecimento, porque tinham personagens que fugiam às normas e propagavam ideias perigosas. Com exceção de *Bom-crioulo*, que ganhou fama como “primeiro romance gay da literatura brasileira” (Bezerra, 2007), as outras obras naturalistas supracitadas permanecem obscuras, mal estudadas e incompreendidas.

O principal porta-voz do descontentamento da elite letrada com o naturalismo foi o escritor José Verissimo. Intelectual formador de opinião e historiador pioneiro da literatura brasileira, Verissimo escreveu exaustivamente contra a ficção naturalista, que julgava uma forma degradada e obscena de escrita, capaz de corromper os costumes e conspurcar a arte literária. Essa opinião era compartilhada por católicos, conservadores em geral e alguns escritores influentes, como Machado de Assis e o Visconde de Taunay. Era comum no período a associação do naturalismo à pornografia, mesmo entre os letrados (Mendes, 2016). Pela altura da década de 1910, quando saem as obras de Canto e Melo, Verissimo podia acrescentar a etiqueta de “ultrapassada” a uma forma de literatura que ele e escritores próximos vinham combatendo desde quando era novidade. Tal visão elitista e conservadora foi encampada pela revista *O Pirralho* e pelo movimento modernista, que repetem, no ataque a *Mana Silvéria*, as mesmas objeções dos letrados oitocentistas ao naturalismo: a ciência era um fator antiartístico e os personagens eram imorais. As fontes sugerem que, semelhante a Olavo Bilac e Coelho Neto na capital, Canto e Melo foi uma vítima do movimento modernista em São Paulo. Como o parnasianismo, o naturalismo também era visto pelos modernistas como uma “literatura do passado”, falsa e obscena, que devia ser superada.

Os historiadores da literatura brasileira que vieram depois repetiram os mesmos juízos sobre o naturalismo ou os expandiram a partir deles. A hipótese do “naturalismo retardatário” de Lucia Miguel Pereira surge na esteira dessas sistematizações, reunindo um grupo de escritores “infelizes” que apostaram num modelo errado quando ele já estava “caduco”. A edição de *Mana Silvéria* pela Civilização Brasileira pertence ao mesmo ambiente intelectual. Ênio Silveira queria despertar o interesse dos leitores por um autor esquecido (afinal, queria vender livros), mas o melhor que podia fazer era apresentar Canto e Melo como um “naturalista retardatário” de talento. Apesar de reconhecer os méritos do romancista, nos paratextos e nas colunas dos jornais na época do relançamento, a edição de 1961 não

consegue ultrapassar a visão de naturalismo como uma “literatura do passado”, de modo que o leitor que se animasse a comprar o livro estava avisado de que ia se deparar com linguagens e ideias ultrapassadas. Ênio Silveira e os intelectuais do período tinham um interesse histórico por Canto e Melo, mas não estilístico. Ao contrário das edições de 1913 e 1914, a edição de 1961 fracassou, porque ocorreu numa época em que já estava bem assentada, no Brasil, a ideia do naturalismo como uma literatura fracassada. Os exemplares de *Mana Silvéria* tiveram baixa procura e até hoje podem ser facilmente adquiridos em sebos.

A hipótese do “naturalismo retardatário” pressupõe uma história literária organizada pelos “estilos de época”, que confunde o tempo de vigor de uma estética e sua visão de mundo com o tempo que leva um grupo pioneiro de escritores para alcançar e perder dominância no campo literário (Mello, 2010). A hipótese projeta uma lógica temporal fundamentada nos ciclos da vida humana, segundo a qual o tempo de duração de uma forma literária equivale ao tempo de vida criativa do seu escritor dominante, no caso Aluísio Azevedo, que morreu em 1913 e publicou seu último romance, *Livro de uma sogra*, em 1895. Para a história literária, essa obra já sinalizava a decadência do naturalismo, mostrando que o mais importante escritor da estética começava a trilhar novos caminhos de superação (ou negação) da forma naturalista, antes da virada do século. Trata-se de uma interpretação equivocada, pois, apesar de romper com o modelo tradicional dos “estudos de caso”, *Livro de uma sogra* mantém o fundamento fisiológico, materialista e científico das obras anteriores, sendo, portanto, um autêntico “livro naturalista” que atraiu milhares de leitores na época da publicação (Mendes; Santos, 2023), como aliás ocorreu com todos os romances naturalistas do autor. *Livro de uma sogra* não sinalizava o declínio do naturalismo na trajetória de Aluísio Azevedo e nem sua morte decretava o fim do movimento.

Na década de 1910, quando Canto e Melo publica seus romances, o naturalismo era o gosto dominante entre compradores de livros e leitores de jornais, como comprovam as queixas de José Verissimo e a boa aceitação de *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*. Tal fato coloca sob suspeição o estatuto de “escritor fracassado” atribuído ao autor e a outros “retardatários”. Parece mais sensato supor que o naturalismo não estava morto no começo do século XX e talvez nunca tenha morrido, mostrando que a temporalidade literária obedece a regras específicas do campo literário (Casanova, 2002). Flora Sussekind (1984) apontou a

permanência do naturalismo oitocentista no romance de 1930 e no romance-reportagem da década de 1970. Também é possível apontar, nos anos 2000, na obra de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins, para uma retomada dos postulados centrais do naturalismo oitocentista. A expressão de dimensões repulsivas da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, os temas do preconceito racial e da diversidade sexual, assim como o desejo de documentar situações de opressão e exclusão de sujeitos subalternizados constituem elementos do pacto naturalista que se renovam e se reproduzem na contemporaneidade. Com sua prosa realista e econômica, antimilitarista e antiescravista, erótica e anticlerical, Canto e Melo foi um autêntico e bem-sucedido cultor dessa tradição no Brasil.

### Referências

ARTES E LETRAS. *Careta*, n. 310, Rio de Janeiro, 30 maio 1914, p. 10. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em: 12 out. 2022.

BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge UP, 1990.

BEZERRA, Carlos Eduardo. *Bom-Crioulo: um romance de literatura gay made in Brazil. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades*, v. 1, n. 1, jul/dez 2007, p. 193-210. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2257/1690>. Acesso em 18 jan. 2019.

BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: Vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Alma em delírio*. São Paulo: O Pensamento, s.d.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Mana Silvéria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CORRÊA, Joanna Silveira. Naturalismo e esquecimento: recepção crítica da reedição do romance *Mana Silvéria*, em 1961, de Pedro de Castro do Canto e Melo. *Da Gaveta - Revista da Graduação em Letras da UNIRIO*, n. 3, p. 23-30, 2022. Disponível em: <https://www.revistadagaveta.com.br/dagaveta-n-3>. Acesso em 4 jun. 2023.

CORRÊA, Joanna Silveira. *Pedro de Castro do Canto e Melo, escritor naturalista: trajetória biográfico-literária e estudo do romance Mana Silvéria (1913)*. Dissertação de Mestrado (em Estudos Literários), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FREEDMAN, Ariela. *Death, men, and modernism. Trauma and narrative in British Fiction from Hardy to Woolf*. New York: Routledge, 2003.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa. Livros Horizonte, 1980.

GRACE, Andrew. *Documents of Culture, Documents of Barbarism: Gothic Literature, Empiricism, and the Rise of Professional Science*. PhD Dissertation in English. University of Oregon, 2013. Disponível em: <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/13010>. Acesso em 23 abr. 2024.

JANOVITCH, Paula Esther. *Preso por trocadilho: A imprensa de narrativa irreverente paulistana, 1900-1911*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

J. L. Notícias Literárias. Canto e Melo, *Alma em delírio*. *Jornal do Commercio Edição da Tarde*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1912, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 18 mar. 2020.

LIMA, Augusto de. Notas Literárias. *O Imparcial*. *Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 11 out. 1920, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 14 fev. 2022.

LIVROS DA SEMANA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1961, p. 8. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 21 jul. 2022.

LIVROS NOVOS. *Alma em delírio* – Canto e Melo – São Paulo, 1912. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1912, p. 4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 30 mar. 2023.

LUZ, Maria da. Da minha janela. *Ilustração Paulista*. São Paulo, n. 75, 13 jul. 1912, p. 12. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 18 out. 2023.

MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1961, p. 12. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 15 set. 2023.

MELO, Mário. Livros e Folhetos. *O Diário de Pernambuco*. Recife, 25 fev. 1916, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 11 ago. 2022.

MELLO, Celina Maria Moreira de. O prosaico, o literário e o político em *L'Artiste* (1831-1838): renovação das cenas genéricas no romantismo francês. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (org.). *Cenas da literatura moderna*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 27-61.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, n. 53, p. 173-191, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/67571>. Acesso em 15 out. 2023.

MENDES, Leonardo; SANTOS, Marina Pózes Pereira. *Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo (ou “como conservar o amor sexual”). *Via Atlântica*, n. 43, 2023, p. 328-358. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/196964>. Acesso em 12 jan. 2024.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Prosa de ficção: história da literatura brasileira (de 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio: 1973.

MINGOTTI, Rodrigo Donizeti. *Heranças do romance naturalista: alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello*. Dissertação de Metrado (em Letras). UNESP, São José do Rio Preto, 2021.

OS RATOS. *Mana Silvéria* ou Um romance que demoliu o romancista. *O Pirralho*, n. 81, São Paulo, 8 mar. 1913, p. 14 e 15. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 26 nov. 2022.

PIERRE, Arnaud. Um livro e um autor exumado. *Mana Silvéria*, de Canto e Melo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 set. 1961, p. 9. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 18 abr. 2021.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

VERÍSSIMO, José. A literatura do dia. *A Imprensa*. Rio de Janeiro, 10 dez. 1913, p. 1 e 2. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 22 maio 2022.

YORICK. Boletim Literário. *Gazeta Artística*. São Paulo, n. 11, jun./jul. 1912, p. 10. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 10 jun. 2022.

## **PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELO (1866-1934) AND ‘LATE NATURALISM’**

**ABSTRACT:** This work aims to rediscover the forgotten Brazilian writer Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934) and study his naturalist work. We start from the place reserved for the author in literary history as a 'latecomer naturalist' who was forgotten because he arrived late on the literary scene. In order to challenge this explanation and understand the author's production in the context of São Paulo's literary scene between 1890 and 1920, we propose a description of his biographical and literary trajectory. We then examine his two novels, *Alma em delírio* (1912) and *Mana Silvéria* (1913), looking at the reception of the books and their repercussions in the press, including a third edition of the second novel in 1961. We will study the works in comparison with other naturalist novels to discern their contribution to aesthetic themes and procedures, such as heredity, anti-clericalism, criticism of slavery, the characters of the Portuguese immigrant and the woman who owns her ideas, the scientific outlook and the tragic ending. We also consider Gothic and popular traits discernible in the novels. In the end, we suggest that the neglect of Canto e Melo is best understood as a result of the anti-naturalist bias of historiography and as a consequence of the modernist battles.

**KEYWORDS:** Pedro de Castro do Canto e Melo, Naturalism, Brazilian Novel.